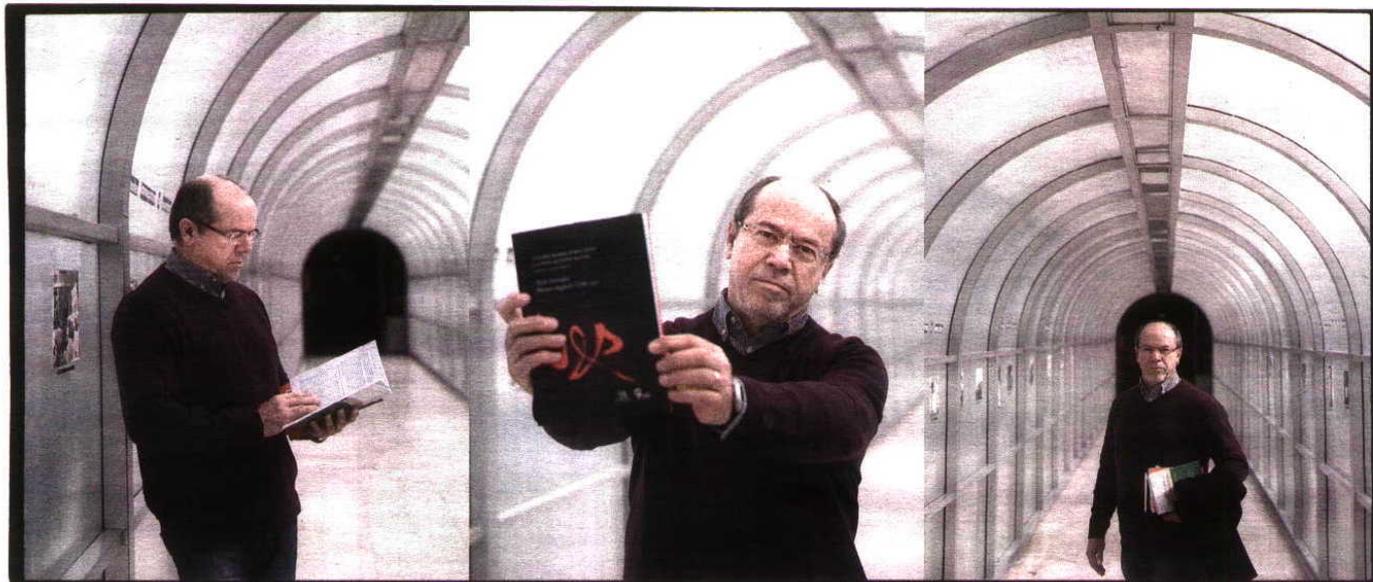


Elísio Estanque Sociólogo

“A ação de muitos dirigentes sindicais caiu na rotina”



Texto **CHRISTIANA MARTINS**
Fotos **RUI DUARTE SILVA**

Temia-se que o caos chegasse a Lisboa com a greve conjunta do Metro e da Carris, mas os sindicatos adiaram a paralisação do metropolitano. Há sinais de que a mobilização nos transportes seja exceção num país resignado, mas Elísio Estanque, professor na Universidade de Coimbra, explica que o descontentamento pode explodir a qualquer momento.

■ **As greves fazem sentido ou tornaram-se um incómodo?**

■ Não acontecem mais porque a classe trabalhadora está fragilizada e os sindicatos perderam credibilidade. Mas, quando o diálogo social não tem resultados, são o recurso. E há picos de paralisações que mostram que o trabalho dos sindicatos ainda faz sentido.

■ **A mobilização do sector dos transportes é uma exceção?**

■ Foi nos transportes que, entre 2010 e 2013, houve maior participação em greves. As paralisações acontecem mais no sector público, onde os trabalhadores têm mais segurança e o movimento sindical tem notó-

ria influência. Mas estas greves tornaram-se polémicas, porque têm consequências negativas para outros trabalhadores. E deixou de haver uma orientação solidária entre os sectores.

■ **Os sindicatos não acompanharam as mudanças do mercado de trabalho?**

■ Em Portugal, muitos dirigentes que surgiram a partir de 1974 desenvolveram uma ação que caiu na rotina. Não acompanharam a sociedade, e as novas gerações não se identificam com os sindicatos. Houve uma rutura geracional. Os sindicatos fazem pouco uso das redes sociais, também não souberam aproximar-se de movimentos da sociedade civil. E as duas centrais são conotadas com lógicas partidárias, o que ajuda à falta de confiança na genuinidade das propostas e na capacidade de mobilização autónoma.

■ **A austeridade não devia despertar o descontentamento?**

■ O descontentamento existe e é visível. Os portugueses estão irritados com as instituições políticas, a começar pelos partidos, mas há resignação, traço da sociedade portuguesa que foi explorado ao longo da His-

tória. Também temos tendência para a explosão e o radicalismo, há ambivalência entre a aceitação e os ressentimentos. Mas não há uma alegria separada dos problemas sociais, não aparecem alternativas, e a perda de esperança generalizada reflete-se nas fracas mobilizações laborais.

■ **O discurso do conformismo não leva à sua perpetuação?**

■ Sim, mas esta não é uma conclusão absoluta, porque na História há muitos exemplos de resistência e protesto. Não defendo que os portugueses estejam condenados à resignação. A sociedade portuguesa também tem um potencial de irreverência corrosiva, só que menos visível e mais pontual. Em Portugal, as manifestações são mais esporádicas. Os portugueses tendem a aguentar, mas quando ultrapassados os limites surpreendem pela capacidade de mobilização.

■ **Os jovens abdicaram de serem um motor de mudança?**

■ Há falta de cultura política. Os governos não deram a devida importância à formação cívica, e entrou-se rapidamente no discurso tecnocrático, que gerou facilitismo e des-

FORA DO PS SEM ARREPENDIMENTOS

Elísio Estanque, sociólogo especialista em questões sindicais, militou no PS até 2013. Foi expulso do partido por participar, como 12º suplente, na candidatura do Movimento Cidadãos por Coimbra às autárquicas. Não se arrependeu. Alentejano de Aljustrel, abraçou a cidade dos estudantes desde que se tornou professor da Faculdade de Economia. Investiga atualmente o associativismo no ensino superior. Diz ver momentos pontuais de despertar, mas reconhece sentir pouca convicção entre os dirigentes associativos.

confiança face aos políticos.

■ **É possível acordá-los ou terá de ser a geração que fez Abril, agora de cabelos brancos, a voltar às ruas?**

■ Se as dificuldades se intensificarem, os jovens serão obrigados a despertar. E, se os partidos não derem voz aos seus sentimentos mais profundos, são possíveis as explosões de descontentamento. A revitalização da sociedade só acontece com o protagonismo ativo dos jovens. Mas eles estão inseguros, vulneráveis, têm pouca iniciativa e não confiam nos seus dirigentes.

■ **Há condições para um Lula português? Alguém dos sindicatos que lidere Portugal?**

■ Temos um ex-dirigente sindical, Manuel Carvalho da Silva, apontado como possível candidato à Presidência.

■ **Seria eleito?**

■ Lula não foi eleito da primeira vez... Acredito mais num líder das novas dinâmicas sociais. Vejo o campo sindical com ceticismo. A única hipótese é abrir-se à sociedade e aos jovens precarizados. Mas a desconfiança é recíproca.

camartins@expresso.imprensa.pt